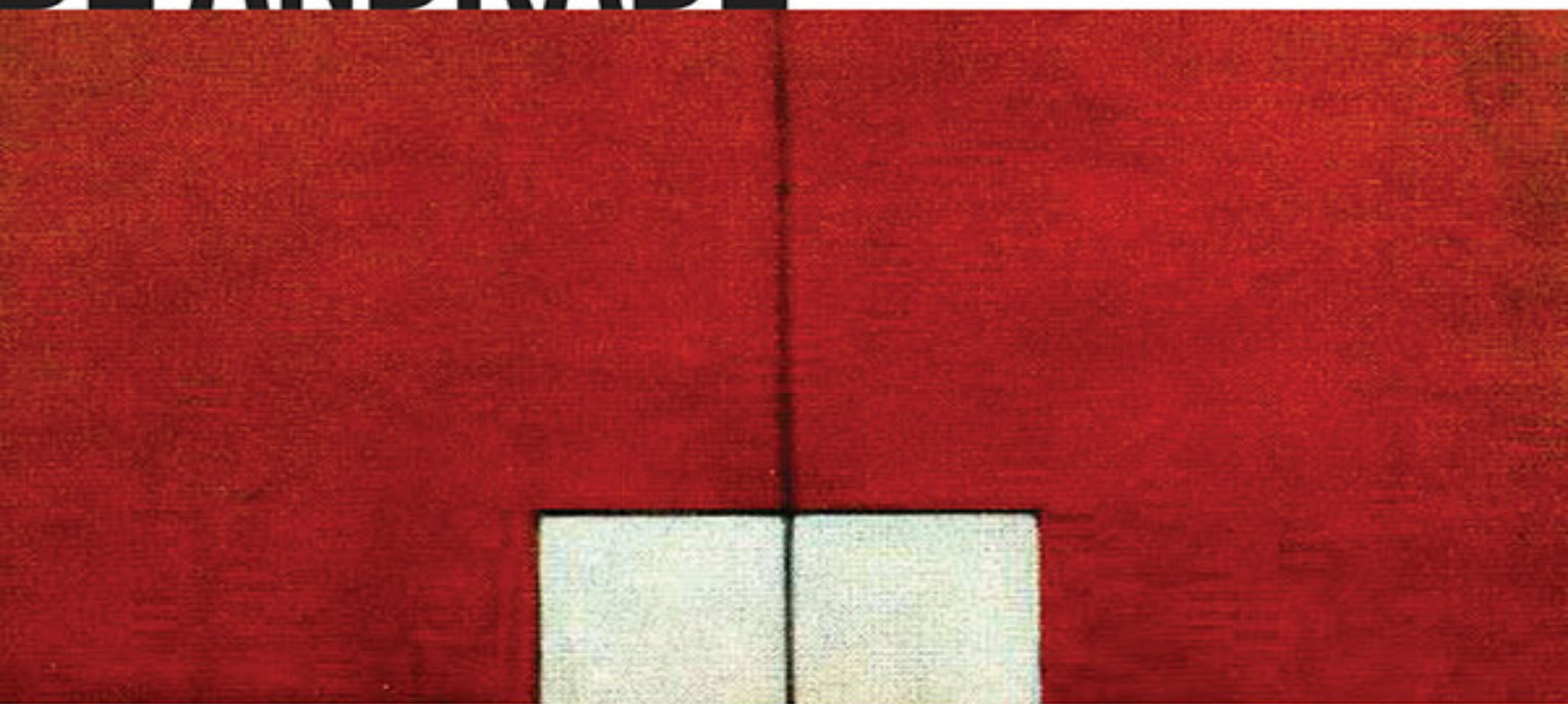


LIÇÃO DE COISAS
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**





**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
LIÇÃO DE COISAS

POSFÁCIO
Viviana Bosi

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

ORIGEM

A palavra e a terra

MEMÓRIA

Terras

Fazenda

O muladeiro

O sátiro

A santa

Vermelho

ATO

O padre, a moça

Massacre

Os dois vigários

Remate

LAVRA

Destruição

Mineração do outro

Amar-amaro

COMPANHIA

Ataíde

Mário longínquo

A Carlito

A mão

CIDADE

Pombo-correio
Caça noturna
Canto do Rio em sol

SER

O retrato malsim
Science fiction
Janela
O bolo
Os mortos
Aniversário
Carta
Para sempre

MUNDO

Vi nascer um deus
A bomba

PALAVRA

Isso é aquilo
F

4 POEMAS

A música barata
Cerâmica
Descoberta
Intimação

Posfácio

Lição de coisas: “gerir o mundo no verso”,

VIVIANA BOSI

Leituras recomendadas
Apêndice: O livro
Cronologia
Créditos das imagens
Índice de primeiros versos

LIÇÃO DE COISAS

ORIGEM

A PALAVRA E A TERRA

I

Aurinaciano

o corpo na pedra
a pedra na vida
a vida na forma

Aurinaciano

o desenho ocre
sobre o mais antigo
desenho pensado

Aurinaciano

touro de caverna
em pó de oligisto
lá onde eu existo

Auritabirano

II

Agora sabes que a fazenda
é mais vetusta que a raiz:
se uma estrutura se desvenda,
vem depois do depois, mais.

O que se libertou da história,

ei-lo se estira ao sol, feliz.
Já não lhe pesam os heróis
e, cavalhada morta, as ações.
Agora divisou a traça
preliminar a todo gesto.
Abre a primeiríssima porta,
era tudo um problema certo.

Uma construção sem barrotes,
o mugir de vaca no eterno;
era uma caçamba, o chicote,
o chão sim percutindo não.
Um eco à espera de um ão.

III

Bem te conheço, voz dispersa
nas quebradas,
manténs vivas as coisas
nomeadas.
Que seria delas sem o apelo
à existência,
e quantas feneceram em sigilo
se a essência
é o nome, segredo egípcio que recolho
para gerir o mundo no meu verso?
para viver eu mesmo de palavra?
para vos ressuscitar a todos, mortos
esvaídos no espaço, nos compêndios?

IV

Açaí de terra firme
jurema branca esponjeira

bordão de velho borragem
taxi de flor amarela
ubim peúva do campo
caju manso mamão bravo
cachimbo de jabuti
e pau roxo de igapó

goiaba d'anta angelim
rajado burra leiteira
tamboril timbó cazumbra
malícia d'água mumbaca
mulatinho mulateiro
muirapixuna pau ferro
chapéu de napoleão
no capim de um só botão

sapopema erva de chumbo
mororozinho salvina
água redonda açucena
sete sangrias majuba
sapupira pitangueira
maria mole puruma
puruí rapé dos índios
coração de negro aipé

sebastião de arruda embira
pente de macaco preto
gonçalo alves zaranza
pacova cega machado
barriguda pacuíba
rabo de mucura sorva
cravo do mato xuru
morototó tarumã

junco popoca
junco popoca

biquipi biribá botão de ouro

v

Tudo é teu, que enuncias. Toda forma
nasce uma segunda vez e torna
infinitamente a nascer. O pó das coisas
ainda é um nascer em que bailam mésons.
E a palavra, um ser
esquecido de quem o criou; flutua,
reparte-se em signos — Pedro, Minas Gerais, beneditino —
para incluir-se no semblante do mundo.
O nome é bem mais do que nome: o além-da-coisa,
coisa livre de coisa, circulando.
E a terra, palavra espacial, tatuada de sonhos,
cálculos.

vi

Onde é Brasil?
Que verdura é amor?
Quando te condensas, atingindo
o ponto fora do tempo e da vida?

Que importa este lugar
se todo lugar
é ponto de ver e não de ser?
E esta hora, se toda hora
já se completa longe de si mesma
e te deixa mais longe da procura?
E apenas resta
um sistema de sons que vai guiando
o gosto de dizer e de sentir
a existência verbal

a eletrônica
e musical figuração das coisas?

MEMÓRIA

TERRAS

Serro Verde Serro Azul
As duas fazendas de meu pai
aonde nunca fui
Miragens tão próximas
pronunciar os nomes
era tocá-las

FAZENDA

Vejo o Retiro: suspiro
no vale fundo.

Retiro ficava longe
do oceanomundo.

Ninguém sabia da Rússia
com sua foice.

A morte escolhia a forma
breve de um coice.

Mulher, abundavam negras
socando milho.

Rês morta, urubus rasantes
logo em concílio.

O amor das éguas rinchava
no azul do pasto.

E criação e gente, em liga,
tudo era casto.

O MULADEIRO

José Catumbi
estava sempre chegando
da Mata.
O cheiro de tropa
crescia pelas botas acima.
O chapéu tocava o teto
da infância.
As cartas traziam
cordiais saudações.

José Catumbi
estava sempre partindo
no mapa de poeira.
Almoçava ruidoso,
os bigodes somavam-se de macarrão.
As bexigas
não sabiam sorrir.
As esporas tiniam
cordiais saudações.

O SÁTIRO

Hildebrando insaciável comedor de galinha.
Não as comia propriamente — à mesa.
Possuía-as como se possuem
e se matam mulheres.

Era mansueto e escrevente de cartório.

A SANTA

Sem nariz e fazia milagres.

Levávamos alimentos esmolas
deixávamos tudo na porta
mirávamos
petrificados.

Por que Deus é horrendo em seu amor?

VERMELHO

O frango degolado
e sua queixa rouca,
a rosa no ladrilho
hidráulico, formando-se,
o gosto ruim na boca
e uma trova mineira
abafando o escarlate
esvoaçar de penugem
saúdosa de ser branca.
Pinga sangue na xícara:
a morte cozinheira.

ATO

O PADRE, A MOÇA

- I. O padre furtou a moça, fugiu.
Pedras caem no padre, deslizam.
A moça grudou no padre, vira sombra,
aragem matinal soprando no padre.
Ninguém prende aqueles dois,
aquele um
 negro amor de rendas brancas.
Lá vai o padre,
atravessa o Piauí, lá vai o padre,
bispos correm atrás, lá vai o padre,
lá vai o padre, a maldição monta cavalos telegráficos,
lá vai o padre lá vai o padre lá vai o padre,
diabo em forma de gente, sagrado.

Na capela ficou a ausência do padre
e celebra missa dentro do arcaz.
Longe o padre vai celebrando vai cantando
todo amor é o amor e ninguém sabe
onde Deus acaba e recomeça.

2. Forças volantes atacam o padre, quem disse
que exércitos vencem o padre? patrulhas
rendem-se.
O helicóptero
desenha no ar o triângulo santíssimo,
o padre recebe bênçãos animais, ternos relâmpagos
douram a face da moça.
E no alto da serra
o padre
entre as cordas da chuva
o padre

no arcano da moça
o padre.

Vamos cercá-lo, gente, em Goiás,
quem sabe se em Pernambuco?
Desceu o Tocantins, foi visto em Macapá Corumbá Jaraguá
[Pelotas
em pé no caminhão da BR-15 com seu rosário
na mão
lá vai o padre
 lá vai
e a moça vai dentro dele, é reza de padre.

Ai que não podemos
contra vossos poderes
guerrear
ai que não ousamos
contra vossos mistérios
debater
ai que de todo não sentimos
contra vosso pecado
o fecundo terror da religião.

Perdoai-nos, padre, porque vos perseguimos.

3. E o padre não perdoa: lá vai
levando o Cristo e o Crime no alforje
e deixa marcas de sola na poeira.
Chagas se fecham, tocando-as,
filhos resultam de ventre estéril
mudos e árvores falam
tudo é testemunho.
Só um anjo de asas secas, voando de Crateús,
senta-se à beira-estrada e chora
porque Deus tomou o partido do padre.

Em cem léguas de sertão
é tudo estalar de joelhos
no chão,
é tudo implorar ao padre
que não leve outras meninas
para seu negro destino
ou que as leve tão de leve
que ninguém lhes sinta a falta,
amortalhadas, dispersas
na escuridão da batina.
Quem tem sua filha moça
padece muito vexame;
contempla-se numa poça
de fel em cerca de arame.

Mas se foi Deus quem mandou?
Anhos imolados
não por sete alvas espadas,
mas por um dardo do céu:
que se libere esta presa
à sublime natureza
de Deus com fome de moça.
Padre, levai nossas filhas!
O vosso amor, padre, queima
como fogo de coivara
não saberia queimar.
E o padre, sem se render
ao ofertório das virgens,
lá vai, coisa preta no ar.

Onde pousa o padre
é Amor-de-Padre
onde bebe o padre
é Beijo-de-Padre
onde dorme o padre

é Noite-de-Padre
mil lugares-padre
ungem o Brasil
mapa vela acesa.

4. Mas o padre entristece. Tudo engoiva
em redor. Não, Deus é astúcia,
e, para maior pena, maior pompa.
Deus é espinho. E está fincado
no ponto mais suave deste amor.

Se toda a natureza vem a bodas,
e os homens se prosternam,
e a lei perde o sumo, o padre sabe
o que não sabemos nunca, o padre esgota
o amor humano.

A moça beija a febre do seu rosto.
Há um gládio brilhando na alta nuvem
que eram só carneirinhos há um instante
— Padre, me roubaste a donzelice
ou fui eu que te dei o que era dável?
Não fui eu que te amei como se ama
aquilo que é sublime e vem trazer-me,
rendido,
o que eu não merecia mas amava?
Padre, sou teu pecado, tua angústia?
Tua alma se escraviza à tua escrava?
És meu prisioneiro, estás fechado
em meu cofre de gozo e de extermínio,
e queres libertar-te? Padre, fala!
Ou antes, cala. Padre, não me digas
que no teu peito amor guerreira amor,
e que não escolheste para sempre.

5. Que repórteres são esses

entrevistando um silêncio?
O *Correio*, *Globo*, *Estado*,
Manchete, France-Presse, telef
otografando o invisível?
Quem alça
 a cabeça pensa
e nas pupilas rastreia
uma luz de danação,
mas a luz fosforescente
 responde não?
Quem roga ao padre que pose
e o padre posa e não sente
 que está posando
entre secas oliveiras
de um jardim onde não chega
o retintim deste mundo?
E que vale uma entrevista
se o que não alcança a vista
nem a razão apreende
é a verdadeira notícia?

6. É meia-treva, e o Príncipe baixando
entre cactos
sem mover palavras fita o padre
na menina dos olhos ensombrada.
A um breve clarear,
o Príncipe, em toda a sua púrpura,
como só merecem defrontá-lo
os que ousaram um dia. Os dois se medem
na paisagem de couro e ossos
 estudando-se.
O que um não diz outro pressente.
Nem desafio nem malícia
nem arrogância ou medo encouraçado:
o surdo entendimento dos poderes.

O padre já não pode ser tentado.

Há um solene torpor no tempo morto,
e, para além do pecado,
uma zona em que o ato é duramente
ato.

Em toda a sua púrpura
o Príncipe desintegra-se no ar.

7. Quando lhe falta o demônio
e Deus não o socorre;
quando o homem é apenas homem
por si mesmo limitado,
em si mesmo refletido;
e flutua
vazio de julgamento
no espaço sem raízes;
e perde o eco
de seu passado,
a companhia de seu presente,
a semente de seu futuro;
quando está propriamente nu;
e o jogo, feito
até a última cartada da última jogada.
Quando. Quando.
Quando.

8. Ao relento, no sílex da noite,
os corpos entrançados transfundidos
sorvem o mesmo sono de raízes
e é como se de sempre se soubessem
uma unidade errante a convocar-se
e a diluir-se mudamente.
Espaço sombra espaço infância espaço
e difusa nos dois a prima virgindade,
oclusa graça.

Mas de rompante a mão do padre sente
o vazio do ar onde boiava
a confiada morna ondulação.
A moça, madrugada, não existe.
O padre agarra a ausência e eis que um soluço
humano desumano e longiperto
trespassa a noitidão a céu aberto.

A chama galopante vai cobrindo
um tinido de freios mastigados
e de patas ferradas,
e em sete freguesias
passa e repassa a grande mula aflita.

Urro
de fera
fúria
de burrinha
grito
de remorso
choro de criança?

Por que Deus se diverte castigando?
Por que degrada o amor sem destruí-lo?
e a cabeça da mula sem cabeça
ainda é rosto de amor, onde em sigilo
a ternura defesa vai flutuando?

Um rosto de besta
e entre as ciências do padre
entre as poderosas rezas do padre
nenhuma para resgatá-lo.
Resta deitar a febre na pedra
e aguardar
o terceiro canto do galo.

No barro vermelho da alva
a mão descobre
o dormir de moça misturado
ao dormir de padre.

9. E já sem rumo prosseguem
na descrença de pousar,
clandestinos de navio
que deitou âncora no ar.

Já não se curvam fiéis
vendo o réprobo passar,
mas antes dedos em susto
implantam a cruz no ar.

A moça, o padre se fartam
da própria gula de amar.
O amor se vinga, consome-os,
laranja cortada no ar.

Ao fim da rota poeirenta
ouve-se a igreja cantar.
Mas cerraram-se-lhe as portas
e o sino entristece no ar.

O senhor bispo, chamado
com voz rouca de implorar,
trancou-se na sua Roma
de rocha, castelo de ar.

Entre pecado e pecado
há muito que epilogar.
Que venha o padre sozinho,
o resto se esfume no ar.

Padre e moça de tão juntos
não sabem se separar.
Passa o tempo do distinguo
entre duas nuvens no ar.

10. E de tanto fugir já fogem não dos outros
mas de sua mesma fuga a distraí-los.
Para mais longe, aonde não chegue
a ambição de chegar:
área vazia
no espaço vazio
sem uma linha
uma coroa
um D.

A gruta é grande
e chama por todos os ecos
organizados.

A gruta nem é negra
de tantos negrumes que se fundem
nos ângulos agudos:
a gruta é branca, e chama.

Entram curvos, como numa igreja
feita para fiéis ajoelhados.
Entram baixos
terreais
na posição dos mortos, quase.

A gruta é funda
a gruta é mais extensa do que a gruta
o padre sente a gruta e a gruta invade
a moça
a gruta se esparrama
sobre pena e universo e carnes frouxas

à maneira católica do sono.

Prismas de luz primeira despertando
de uma dobra qualquer de rocha mansa.
Cantar angélico subindo
em meio à cega fauna cavernícola
e dizendo de céus mais que cristãos
sobre o musgo, o calcário, o úmido medo
da condição vivente.

Que coros tão ardentes se desatam
em feixes de inefável claridade?
Que perdão mais solene se humaniza
e chega à aprovação e paira em bênção?
Que festiva paixão lança seu carro
de ouro e glória imperial para levá-los
à presença de Deus feita sorriso?
Que fumo de suave sacrifício
lhes afaga as narinas?
Que santidade súbita lhes corta
a respiração, com visitá-los?
Que esvair-se de males, que desfal
ecimentos teresinos?
Que sensação de vida triunfante
no empalidecer de humano sopro contingente?

Fora
ao crepitar da lenha pura
e medindo das chamas o declínio,
eis que perseguidores se persignam.

MASSACRE

Eram mil a atacar
o só objeto
indefensável
e pá e pé e ui
e vupt e rrr
e o riso passarola no ar
grasnando
e mil a espiar
os alfabetos purpúreos
desatando-se
sem rota
e llmn e nss e yn
eram mil a sentir
que a vida refugia
do ato de viver
e agora circulava
sobre toda ruína

OS DOIS VIGÁRIOS

Há cinquenta anos passados,
Padre Olímpio bendizia,
Padre Júlio fornicava.
E Padre Olímpio advertia
e Padre Júlio triscava.
Padre Júlio excomungava
quem se erguesse a censurá-lo
e Padre Olímpio em seu canto
antes de cantar o galo
pedia a Deus pelo homem.
Padre Júlio em seu jardim
colhia flor e mulher
num contentamento imundo.
Padre Olímpio suspirava,
Padre Júlio blasfemava.
Padre Olímpio, sem leitura
latina, sem ironia,
e Padre Júlio, criatura
de Ovídio, ria, atacava
a chã fortaleza do outro.
Padre Olímpio silenciava.
Padre Júlio perorava,
rascante e politiqueiro.
Padre Olímpio se omitia
e Padre Júlio raptava
mulher e filhos do próximo,
outros filhos aditava.
Padre Júlio responsava
os mortos pedindo contas
do mal que apenas pensaram
e desmontava filáucias

de altos brasões esboroados
entre moscas defuntórias.
Padre Olímpio respeitava
as classes depois de extintos
os sopros dos mais distintos
festeiros e imperadores.
Se Padre Olímpio perdoava,
Padre Júlio não cedia.
Padre Júlio foi ganhando
com o tempo cara diabólica
e em sua púrpura calva,
em seu mento proeminente,
ardiam brasas. E Padre
Olímpio se desolava
de ver um padre demente
e o Senhor atraído.
E Padre Júlio oficiava
como oficia um demônio
sem que o escândalo esgarçasse
a santidade do ofício.
Padre Olímpio se doía,
muito se mortificava
que nenhum anjo surgisse
a consolá-lo em segredo:
“Olímpio, se é tudo um jogo
do céu com a terra, o desfecho
dorme entre véus de justiça.”
Padre Olímpio encanecia
e em sua estrita piedade,
em seu manso pastoreio,
não via, não discernia
a celeste preferência.
Seria por Padre Júlio?
Valorizava-se o inferno?
E sentindo-se culpado
de conceber turvamente

o augustíssimo pecado
atribuído ao Padre Eterno,
sofre-rezando sem tino
todo se penitenciava.
Em suas costas botava
os crimes de Padre Júlio,
refugando-lhe os prazeres.
Emagrecia, minguava,
sem ganhar forma de santo.
Seu corpo se recolhia
à própria sombra, no solo.
Padre Júlio coruscava,
ria, inflava, apostrofava.
Um pecava, outro pagava.
O povo ia desertando
a lição de Padre Olímpio.
Muito melhor escutava
de Padre Júlio as bocagens.
Dois raios, na mesma noite,
os dois padres fulminaram.
Padre Olímpio, Padre Júlio
iguaizinhos se tornaram:
onde o vício, onde a virtude,
ninguém mais o demarcava.
Enterrados lado a lado
irmanados confundidos,
dos dois padres consumidos
juliolímpio em terra neutra
uma flor nasce monótona
que não se sabe até hoje
(cinquenta anos se passaram)
se é de compaixão divina
ou divina indiferença.

REMATE

Volta o filho pródigo
à casa do pai
e o próprio pai é morto desde Adão.
Onde havia relógio
e cadeira de balanço
vacas estrumam a superfície.
O filho pródigo tateia
assobia fareja convoca
as dezoito razões de fuga
e nada mais vigora
nem soluça.
Ninguém recrimina
ou perdoa,
ninguém recebe.
Deixa de haver o havido
na ausência de fidelidade
e traição.
Jogada no esterco verde
a agulha de gramofone
varre de ópera o vazio.
O ex-filho pródigo
perde a razão de ser
e cospe
no ar estritamente seco.

LAVRA

DESTRUIÇÃO

Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se veem.
Um se beija no outro, refletido.
Dois amantes que são? Dois inimigos.

Amantes são meninos estragados
pelo mimo de amar: e não percebem
quanto se pulverizam no enlaçar-se,
e como o que era mundo volve a nada.

Nada, ninguém. Amor, puro fantasma
que os passeia de leve, assim a cobra
se imprime na lembrança de seu trilho.

E eles quedam mordidos para sempre.
Deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente.

MINERAÇÃO DO OUTRO

Os cabelos ocultam a verdade.
Como saber, como gerir um corpo
alheio?
Os dias consumidos em sua lavra
significam o mesmo que estar morto.

Não o decifras, não, ao peito oferto,
monstruário de fomes enredadas,
ávidas de agressão, dormindo em concha.
Um toque, e eis que a blandícia erra em tormento,
e cada abraço tece além do braço
a teia de problemas que existir
na pele do existente vai gravando.

Viver-não, viver-sem, como viver
sem conviver, na praça de convites?
Onde avanço, me dou, e o que é sugado
ao mim de mim, em ecos se desmembra;
nem resta mais que indício,
pelos ares lavados,
do que era amor e, dor agora, é vício.

O corpo em si, mistério: o nu, cortina
de outro corpo, jamais apreendido,
assim como a palavra esconde outra
voz, prima e vera, ausente de sentido.
Amor é compromisso
com algo mais terrível do que amor?
— pergunta o amante curvo à noite cega,
e nada lhe responde, ante a magia:
arder a salamandra em chama fria.

AMAR-AMARO

Por que amou por que al!mou
se sabia
p r o i b i d o p a s s e a r s e n t i m e n t o s
ternos ou ^{desesperados}
nesse museu do pardo indiferente
me diga: mas por que
amar sofrer talvez como se morre
de varíola voluntária vírgula ev
idente?

ah PORQUEAMOU
e se queimou
todo por dentro por fora nos cantos nos ecos
lúgubres de você mesm(o,a)
irm(ã,o) retrato espéculo por que amou?
se era para
ou era por
como se entretanto todavia
toda vida mas toda vida
é indagação do achado e aguda esponejação
da carne do conhecimento, ora veja

permita cavalheir(o,a)
amig(o,a) me releve
este malestar
cantarino escarninho piedoso
este querer consolar sem muita convicção
o que é inconsolável de ofício
a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima
a vida também
tudo também

mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de núncaras.

COMPANHIA

ATAÍDE

Alferes de milícias Manuel da Costa Ataíde:
eu, paisano,
bato continência
em vossa admiração.

Há dois séculos menos um dia, contados na folhinha,
batizaram-vos na Sé da Cidade Mariana,
mas isso não teria importância nenhuma
se mais tarde não houvésseis olhado ali para o teto
e reparado na pintura de Manuel Rabelo de Sousa.
O rumo fora traçado.
Pintaríeis outras tábuas de outros tetos
ou mais precisamente
romperíeis o forro para a conversação radiante com Deus.

Alferes
que em São Francisco de Assis de Vila Rica
derramais sobre nós no azul-espço
do teatro barroco do céu
o louvor cristalino coral orquestral dos serafins
à Senhora Nossa e dos Anjos;
repórter da Fuga e da Ceia,
testemunha do Poverello,
dono da luz e do verde-veronese,
inventor de cores insabidas,
a espalhar por vinte igrejas das Minas
“uma bonita, valente e espaçosa pintura”:
em vossa admiração
bato continência.

E porque

ao sairdes de vossa casinha da Rua Nova nos fundos do Carmo
encontro-vos sempre caminhando
mano a mano com o mestre mais velho Antônio Francisco Lisboa
e porque viveis os dois em comum o ato da imaginação
e em comum o fixais em matéria, numa cidade após outra,
porque soubestes amá-lo, ao difícil e raro Antônio Francisco,
e manifestais a arte de dois na unidade da criação,
bato continência
em vossa admiração.

MÁRIO LONGÍNQUO

No marfim de tua ausência
persevera o ensino cantante,
martelo
a vibrar no verso e na carta:
A própria dor é uma felicidade.

(O real, frente a frente,
de perfil ou de ponta-cabeça,
tal fruto gordo colhido
e triturado, transformado,
por sobre as altas vergas que emolduram
a morte.)

Mário assombração, Mário problema?
A essa distância lunar
de tudo e de todos, menos
de teus múltiplos retratos falantes,
cachoeiras emaranhadas confidências
cilícios didáticos
reinações
adágios paulistanos de madura melancolia,
guardas a familiaridade e o sigilo
que alternam os losangos
da pele seca de Arlequim.

De longe, sem contorno,
revela-se a plena doação,
a nenhum em particular, murmúrio desfeito
no peito de desconhecidos
que vivem o poeta ignorando-lhe a existência
raio de amor geral barroco soluçante.

Mário arco-íris, mas tão exato
na modenatura de suas cores e dores,
que captamos a só imagem de alegria
e azul disciplinado,
lá onde, surdamente,
turvação, paciência e angústia se mesclaram.

Tão mesquinha, tua lembrança
fichada nos arquivos da saudade!
Vejo-te livre, respirando
a fina luz do dia universal.

A CARLITO

Velho Chaplin:

as crianças do mundo te saúdam.

Não adiantou te esconderes na casa de areia dos setenta anos,
refletida no lago suíço.

Nem trocares tua roupa e sapatos heroicos
pela comum indumentária mundial.

Um guri te descobre e diz: Carlito

C A R L I T O — ressoa o coro em primavera.

Homens apressados estacam. E readquirem-se.

Estavas enrolado neles como bola de gude de quinze cores,
concentração do lúdico infinito.

Pulas intato da algibeira.

Uma guerra e outra guerra não bastaram
para secar em nós a eterna linfa
em que, peixe, modulas teu bailado.

O filme de 16 milímetros entra em casa

por um dia alugado

e com ele a graça de existir

mesmo entre os equívocos, o medo, a solidude mais solita.

Agora é confidencial o teu ensino,

pessoa por pessoa,

ternura por ternura,

e, desligado de ti e da rede internacional de cinemas,
o mito cresce.

O mito cresce, Chaplin, a nossos olhos

feridos do pesadelo cotidiano.

O mundo vai acabar por mão dos homens?

A vida renega a vida?

Não restará ninguém para pregar
o último rabo de papel na túnica do rei?
Ninguém para recordar
que houve pelas estradas um errante poeta desengonçado,
a todos resumindo em seu despojamento?

Perguntas suspensas no céu cortado
de pressentimentos e foguetes
cedem à maior pergunta
que o homem dirige às estrelas.
Velho Chaplin, a vida está apenas alvorecendo
e as crianças do mundo te saúdam.

A MÃO

Entre o cafezal e o sonho
o garoto pinta uma estrela dourada
na parede da capela,
e nada mais resiste à mão pintora.
A mão cresce e pinta
o que não é para ser pintado mas sofrido.
A mão está sempre compondo
módul-murmurando
o que escapou à fadiga da Criação
e revê ensaios de formas
e corrige o oblíquo pelo aéreo
e semeia margaridinhas de bem-querer no baú dos vencidos.
A mão cresce mais e faz
do mundo-como-se-repete o mundo que telequeremos.
A mão sabe a cor da cor
e com ela veste o nu e o invisível.
Tudo tem explicação porque tudo tem (nova) cor.
Tudo existe porque foi pintado à feição de laranja mágica
não para aplacar a sede dos companheiros,
principalmente para aguçar-la
até o limite do sentimento da terra domicílio do homem.

Entre o sonho e o cafezal
entre guerra e paz
entre mártires, ofendidos,
músicos, jangadas, pandorgas,
entre os roceiros mecanizados de Israel
a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil
entre o amor e o ofício
eis que a mão decide:
Todos os meninos, ainda os mais desgraçados,

sejam vertiginosamente felizes
como feliz é o retrato
múltiplo verde-róseo em duas gerações
da criança que balança como flor no cosmo
e torna humilde, serviçal e doméstica a mão excedente
em seu poder de encantação.

Agora há uma verdade sem angústia
mesmo no estar-angustiado.
O que era dor é flor, conhecimento
plástico do mundo.
E por assim haver disposto o essencial,
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,
bruscamente se cala
e voa para nunca-mais
a mão infinita
a mão-de-olhos-azuis de Candido Portinari.

CIDADE

POMBO-CORREIO

Os garotos da Rua Noel Rosa
onde um talo de samba viça no calçamento,
viram o pombo-correio cansado
confuso
aproximar-se em voo baixo.

Tão baixo voava: mais raso
que os sonhos municipais de cada um.
Seria o Exército em manobras
ou simplesmente
trazia recados de ai! amor
à namorada do tenente em Aldeia Campista?

E voando e baixando entrançou-se
entre folhas e galhos de fícus:
era um papagaio de papel,
estrelinha presa, suspiro
metade ainda no peito, outra metade
no ar.

Antes que o ferissem,
pois o carinho dos pequenos ainda é mais desastrado
que o dos homens
e o dos homens costuma ser mortal,
uma senhora o salva
tomando-o no berço das mãos
e brandamente alisa-lhe
a medrosa plumagem azulcinza
cinza de fundos neutros de Mondrian
azul de abril pensando maio.

3235-58-Brasil

dizia o anel na perninha direita.

Mensagem não havia nenhuma

ou a perdera o mensageiro

como se perdem os maiores segredos de Estado,

que graças a isto se tornam invioláveis,

ou o grito de paixão abafado

pela buzina dos ônibus.

Como o correio (às vezes) esquece cartas,

teria o pombo esquecido

a razão de seu voo?

Ou sua razão seria apenas voar

baixinho sem mensagem como a gente

vai todos os dias à cidade

e somente algum minuto em cada vida

se sente repleto de eternidade, ansioso

por transmitir a outros sua fortuna?

Era um pombo assustado

perdido

e há perguntas na Rua Noel Rosa

e em toda parte sem resposta.

Pelo que a senhora o confiou

ao senhor Manuel Duarte, que passava,

para ser devolvido com urgência

ao destino dos pombos militares

que não é um destino.

CAÇA NOTURNA

No escuro
o zumbido gigante do besouro
corrói os cristais do sono.
Que avião é esse, levando para Teerã
uma amizade um amor um bloco de oitenta indiferenças
que não acaba de passar e circunvoa
sobre a casa perdida na floresta
imobiliária?

Vai o ouvido apurando
na trama do rumor suas nervuras:
inseto múltiplo reunido
para compor o zanzineio surdo
circular opressivo
zunzin de mil zonzons zoando em meio
à pasta de calor
da noite em branco.

São as eletrobombas em serviço.
A música da seca.
Pickup que não para de girar.
Gato que não cansa de roncar.
Ah, como os conheço!
Fazem parte da vida esses possantes
motores de tocaia
na caça lunar de água, lebre esquiva
sugada
por um canal de desespero e insônia.

Que gemido crilado, apenas zi,
tímido se incorpora ao zon compacto?

Que vozinha medrosa mais suspira
do que zoa, no côncavo noturno?
O motorzinho do poeta,
pobre galgo da casa,
1/4 de HP, caçando em vão.

CANTO DO RIO EM SOL

I

Guanabara, seio, braço
de a-mar:
em teu nome, a sigla rara
dos tempos do verbo mar.

Os que te amamos sentimos
e não sabemos cantar:
o que é sombra do Silvestre
sol da Urca
dengue flamingo
mitos da Tijuca de Alencar.

Guanabara, saia clara
estufando em redondel:
que é carne, que é terra e alísio
em teu crisol?

Nunca vi terra tão gente
nem gente tão florival.
Teu frêmito é teu encanto
(sem decreto) capital.

Agora, que te fitamos
nos olhos,
e que neles pressentimos
o ser telúrico, essencial,
agora sim, és Estado
de graça, condado real.

II

Rio, nome sussurrante,
Rio que te vais passando
a mar de estórias e sonhos
e em teu constante janeiro
corres pela nossa vida
como sangue, como seiva
— não são imagens exangues
como perfume na fronha
... como a pupila do gato
risca o topázio no escuro.
Rio-tato-
-vista-gosto-risco-vertigem
Rio-antúrio.

Rio das quatro lagoas
de quatro túneis irmãos
Rio em ã
 Maracanã
 Sacopenapã

Rio em ol em amba em umba sobretudo em inho
 de amorzinho
 benzinho
 dá-se um jeitinho
do saxofone de Pixinguinha chamando pela Velha Guarda
como quem do alto do Morro Cara de Cão
chama pelos tamoios errantes em suas pirogas
Rio milhão de coisas
luminosardentissuavimariposas:
como te explicar à luz da Constituição?

III

Irajá Pavuna Ilha do Gato
— emudeceram as aldeias gentílicas?
A Festa das Canoas dispersou-se?
Junto ao Paço já não se ouve o sino de São José
pastoreando os fiéis da várzea?
Soou o toque do Aragão sobre a cidade?

Não não não não não não não

Rio mágico, dás uma cabriola,
teu desenho no ar é nítido como os primeiros grafismos,
teu acordar, um feixe de zínias na correnteza esperta do tempo
o tempo que humaniza e jovializa as cidades.
Rio novo a cada menino que nasce
a cada casamento
a cada namorado
que te descobre enquanto, rio-rindo,
assistes ao pobre fluir dos homens e de suas glórias pré-fabricadas.

SER

O RETRATO MALSIM

O inimigo maduro a cada manhã se vai formando
no espelho de onde deserta a mocidade.
Onde estava ele, talvez escondido em castelos escoceses,
em cacheados cabelos de primeira comunhão?
onde, que lentamente grava sua presença
por cima de outra, hoje desintegrada?

Ah, sim: estava na rigidez das horas de tenência orgulhosa,
no morrer em pensamento quando a vida queria viver.
Estava primo do outro, dentro,
era o outro, que não se sabia liquidado,
verdugo expectante, convidando a sofrer;
cruz de carvão, ainda sem braços.

Afinal irrompe, dono completo.
Instalou-se, a mesa é sua,
cada vinco e reflexão madura ele é quem porta,
e esparrama na toalha sua matalotagem:
todas as flagelações, o riso mau,
o desejo de terra destinada
e o estar ausente em qualquer terra.
3 em 1, 1 em 3:
ironia passionaridade morbidez.

No espelho ele se faz a barba amarga.

SCIENCE FICTION

O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.

E fiquei só em mim, de mim ausente.

JANELA

Tarde dominga tarde
pacificada como os atos definitivos.
Algumas folhas da amendoeira expiram em degradado vermelho.
Outras estão apenas nascendo,
verde polido onde a luz estala.
O tronco é o mesmo
e todas as folhas são a mesma antiga
folha
a brotar de seu fim
enquanto roazmente
a vida, sem contraste, me destrói.

O BOLO

Na mesa interminável comíamos o bolo
interminável
e de súbito o bolo nos comeu.
Vimo-nos mastigados, deglutidos
pela boca de esponja.

No interior da massa não sabemos
o que nos acontece mas lá fora
o bolo interminável
na interminável mesa a que preside
sente falta de nós
gula saudosa.

OS MORTOS

Na ambígua intimidade
que nos concedem
podemos andar nus
diante de seus retratos.
Não reprovam nem sorriem
como se neles a nudez fosse maior.

ANIVERSÁRIO

Um verso, para te salvar
de esquecimento sobre a terra?
Se é em mim que estás esquecida,
o verso lembraria apenas
esta força de esquecimento,
enquanto a vida, sem memória,
vaga atmosfera, se condensa
na pequena caixa em que moras
como os mortos sabem morar.

CARTA

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci. Olha, em relevo,
estes sinais em mim, não das carícias

(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças.

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
“Deus te abençoe”, e a noite abria em sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.

PARA SEMPRE

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.
Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.
Por que Deus se lembra
— mistério profundo —
de tirá-la um dia?
Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

MUNDO

VI NASCER UM DEUS

Em novembro chegaram os signos.
O céu nebuloso não filtrava
estrelas anunciantes
nem os bronzes de São José junto ao Palácio Tiradentes
tangiam a Boa-Nova.
Eram outros os signos
e vinham na voz de iaras-propaganda
páginas inteiras de refrigerador e carro nacional
mas vinham.
O governo destinou só 210 mil dólares
à importação de artigos natalinos
avelãs figos castanhas ameixas amêndoas
sóis luas outonos cristalizados
orvalho de uísque em ramo de pinheiro
champagne extra-sec pour les connoisseurs
mas vinham
a fome sambava entre caçarolas desertas
e o amor dormia na entressafra
mas vinham
e petroleiros jatos caminhões nas BR televisores transistores
[corretores
descobriram subitamente
Jesus.

(Quem adquire a big cesta de natal Tremendous
no ato de pagamento da primeira prestação
recebe prêmio garantido
e concorre
na última quarta-feira de cada mês
— números correspondentes aos da Loteria Federal —
a visões como um apartamento

um jipe
uma lambreta
um lunik
um anjo eletrônico

e mais:
ajuda quinhentos velhinhos
a provar alegria
pois a Obra de Senectude Evangélica
tem comissão em cada cesta vendida.)

... na manjedoura?
no presépio?
no chão, diante do pórtico arruinado, como em Siena o pintou
[Francesco Giorgio?
na capelinha torta de São Gonçalo do Rio Abaixo?
na big cesta de natal?

... repousa o Infante esperado.
As luzes em que o esculpiram tornam-lhe o corpo dourado.

O Cristo é sempre novo, e na fraqueza deste menino
há um silencioso motor, uma confiança e um sino.

Nasce a cada dezembro e nasce de mil jeitos.
Temos de pesquisá-lo até na gruta de nossos defeitos.

Ministros deputados presidentes de sindicatos
prosternam-se, estabelecendo os primeiros contatos.

Preside (mal) as assembleias de todas as sociedades
anônimas, anônimo ele próprio, nas inumerabilidades

de sua pobritude. E tenta renascer a cada hora
em que se distrai nossa polícia, assim como uma flora

sem jardineiro apendoa, e, sem húmus, no espaço

restaura o dinamismo das nuvens. Sua pureza arma um laço

à astúcia terrestre com que todos nos defendemos
da outra face do amor, a face dos extremos.

Inventou-se menino para ser ao menos contemplado,
senão querido (pois amamos a nosso modo limitado,

e de criança temos pena, porque submersos garotos
ainda fazem boiar em nós seus barcos rotos,

e a tristeza infantil, malva seca no catecismo, nunca se esquece).
Assim o Cristo vem numa cantiga sem rumo, não na prece

*com pandeiros alegres tocando
com chapéus de palhinha amarela
companheiros alegres cantando.*

Ó lapinha,

menino de barro,
deus de brinquedo,
areia branca de córrego,
musgo de penhasco,
Belém de papel,
primeira utopia,
primeira abordagem
de território místico,
primeiro tremor.
Vi nascer um deus.
Onde, pouco importa.
Como, pouco importa.
Vi nascer um deus
em plena calçada
entre camelôs;
na vitrina da *boutique*

sorria ou chorava,
não sei bem ao certo;
a luz da boate
mal lhe debuxava
o mínimo perfil.
Vi nascer um deus
entre embaixadores
entre publicanos
entre verdureiros
entre mensalistas,
no Maracanã
em Para-lá-do-mapa,
quando os gatos rondam
a espinha da noite
os mendigos espreitam
os inferninhos
e no museu acordam as telas
informais
e o homem esquece
metade da ciência atômica:
vi nascer um deus.
O mais pobre,
o mais simples.

A BOMBA

A bomba
é uma flor de pânico apavorando os floricultores

A bomba
é o produto quintessente de um laboratório falido

A bomba
é miséria confederando milhões de misérias

A bomba
é estúpida é ferotriste é cheia de rocamboles

A bomba
é grotesca de tão metuenda e coça a perna

A bomba
dorme no domingo até que os morcegos esvoacem

A bomba
não tem preço não tem lunar não tem domicílio

A bomba
amanhã promete ser melhorzinha mas esquece

A bomba
não está no fundo do cofre, está principalmente onde não está

A bomba
mente e sorri sem dente

A bomba

vai a todas as conferências e senta-se de todos os lados

A bomba

é redonda que nem mesa redonda, e quadrada

A bomba

tem horas que sente falta de outra para cruzar

A bomba

furtou e corrompeu elementos da natureza e mais furtara
[e corrompera

A bomba

multiplica-se em ações ao portador e em portadores sem ação

A bomba

chora nas noites de chuva, enrodilha-se nas chaminés

A bomba

faz *week-end* na Semana Santa

A bomba

brinca bem brincado o carnaval

A bomba

tem 50 megatons de algidez por 85 de ignomínia

A bomba

industrializou as térmites convertendo-as em balísticos
[interplanetários

A bomba

sofre de hérnia estranguladora, de amnésia,
[de mononucleose, de verborreia

A bomba

não é séria, é conspicuamente tediosa

A bomba
envenena as crianças antes que comecem a nascer

A bomba
continua a envenená-las no curso da vida

A bomba
respeita os poderes espirituais, os temporais e os tais

A bomba
pula de um lado para outro gritando: eu sou a bomba

A bomba
é um cisco no olho da vida, e não sai

A bomba
é uma inflamação no ventre da primavera

A bomba
tem a seu serviço música estereofônica e mil valetes de ouro,
[cobalto e ferro além da comparsaria

A bomba
tem supermercado circo biblioteca esquadrilha de mísseis, etc.

A bomba
não admite que ninguém a acorde sem motivo grave

A bomba
quer é manter acordados nervosos e sãos, atletas e paráliticos

A bomba
mata só de pensarem que vem aí para matar

A bomba
dobra todas as línguas à sua turva sintaxe

A bomba
saboreia a morte com *marshmallow*

A bomba
arrota impostura e prosopopeia política

A bomba
cria leopardos no quintal, eventualmente no *living*

A bomba
é podre

A bomba
gostaria de ter remorso para justificar-se, mas isso lhe é vedado

A bomba
pediu ao Diabo que a batizasse e a Deus que lhe validasse
[o batismo]

A bomba
declara-se balança de justiça arca de amor arcanjo de
[fraternidade]

A bomba
tem um clube fechadíssimo

A bomba
pondera com olho neocrítico o Prêmio Nobel

A bomba
é russamericanenglish mas agradam-lhe eflúvios de Paris

A bomba

oferece na bandeja de urânio puro, a título de bonificação,
[átomos de paz

A bomba
não terá trabalho com as artes visuais, concretas ou tachistas

A bomba
desenha sinais de trânsito ultreletrônicos para proteger
[velhos e criancinhas

A bomba
não admite que ninguém se dê ao luxo de morrer de câncer

A bomba
é câncer

A bomba
vai à lua, assovia e volta

A bomba
reduz neutros a neutrinos, e abana-se com o leque da reação
[em cadeia

A bomba
está abusando da glória de ser bomba

A bomba
não sabe quando, onde e por que vai explodir, mas preliba
[o instante inefável

A bomba
fede

A bomba
é vigiada por sentinelas pávidas em torreões de cartolina

A bomba

com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se
[salve

A bomba

não destruirá a vida

O homem

(tenho esperança) liquidará a bomba.

PALAVRA

ISSO É AQUILO

I

O fácil o fóssil
o míssil o fissil
a arte o infarte
o ocre o canopo
a urna o farniente
a foice o fascículo
a lex o judex
o maiô o avô
a ave o mocotó
o só o sambaqui

II

o gás o nefas
o muro a rêmora
a suicida o cibo
a litotes Aristóteles
a paz o pus
o licantropo o liceu
o flit o flato
a víbora o heléboro
o êmbolo o bolo
o boliche o relincho

III

o istmo o espasmo

o ditirambo o cachimbo
a cutícula o ventríloquo
a lágrima o magma
o chumbo o nelumbo
a fórmica a fúcsia
o bilro o pintassilgo
o malte o gerifalte
o crime o aneurisma
a tâmara a Câmara

IV

o átomo o átono
a medusa o pégaso
a erisipela a eclipse
a ama o sistema
o quimono o amoníaco
a nênia o nylon
o cimento o ciumento
a juba a jacuba
o mendigo a mandrágora
o boné a boa-fé

V

a argila o sigilo
o pároco o báratro
a isca o menisco
o idólatra o hidrópata
o plátano o plástico
a tartaruga a ruga
o estômago o mago
o amanhecer o ser
a galáxia a gloxínia

o cadarço a comborça

VI

o útil o tátil
o colubiazol o gazel
o lepidóptero o útero
o equívoco o fel no vidro
a joia a triticultura
o *know-how* o nocaute
o dogma o borborigmo
o úbere o lúgubre
o nada a obesidade
a cárie a intempérie

VII

o dzeta o zeugma
o cemitério a marinha
a flor a canéfora
o pícnico o pícaro
o cesto o incesto
o cigarro a formicida
a aorta o Passeio Público
o mingau a *migraine*
o leste a leitura
a girafa a jitanjáfora

VIII

o índio a lêndea
o coturno o estorno
a pia a piedade
a nolição o nonipétalo

o radar o nácar
o solferino o aquinatense
o bacon o dramaturgo
o legal a galena
o azul a lues
a palavra a lebre

IX

o remorso o cós
a noite o bis-coito
o sestércio o consórcio
o ético a ítaca
a preguiça a treliça
o castiço o castigo
o arroz o horror
a nêspêra a vêspera
o papa a joaninha
as endoenças os antibióticos

X

o árvore a mar
o doce de pássaro
a passa de pêsame
o cio a poesia
a força do destino
a pátria a saciedade
o cudelume Ulalume
o zum-zum de Zeus
 o bômbix
 o ptyx

F

forma
forma
forma

que se esquivava
por isso mesmo viva
no morto que a procura

a cor não pousa
nem a densidade habita
nessa que antes de ser
já
deixou de ser não será
mas é

forma
festa
fonte
flama
filme

e não encontrar-te é nenhum desgosto
pois abarrotas o largo armazém do factível
onde a realidade é maior do que a realidade

4 POEMAS

A MÚSICA BARATA

Paloma, Violetera, Feuilles Mortes,
Saudades do Matão e de mais quem?
A música barata me visita
e me conduz
para um pobre nirvana à minha imagem.

Valsas e canções engavetadas
num armário que vibra de guardá-las,
no velho armário, cedro, pinho ou...?
(O marceneiro ao fazê-lo bem sabia
quanto essa madeira sofreria.)

Não quero Handel para meu amigo
nem ouço a matinada dos arcanjos.
Basta-me
o que veio da rua, sem mensagem,
e, como nos perdemos,
se perdeu.

CERÂMICA

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
ela nos espia do aparador.

DESCOBERTA

O dente morde a fruta envenenada
a fruta morde o dente envenenado
o veneno morde a fruta e morde o dente
o dente, se mordendo, já descobre
a polpa deliciosíssima do nada.

INTIMAÇÃO

Abre em nome da lei.
Em nome de que lei?
Acaso lei tem nome?
Em nome de que nome
cujo agora me some
se em sonho o soletrei?
Abre em nome do rei.

Em nome de que rei
é a porta arrombada
para entrar o aguazil
que na destra um papel
sinistramente branco
traz, e ao ombro o fuzil?

Abre em nome de til.
Abre em nome de abrir,
em nome de poderes
cujo vago pseudônimo
não é de conferir:
cifra oblíqua na bula
ou dobra na cogula
de inexistente frei.

Abre em nome da lei.
Abre sem nome e lei.
Abre mesmo sem rei.
Abre, sozinho ou grei.
Não, não abras; à força
de intimar-te, repara:
eu já te desventrei.

Posfácio

LIÇÃO DE COISAS: “GERIR O MUNDO NO VERSO”

Viviana Bosi

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de
[seus mortos,
assim te levo comigo, tarde de maio
para Flávio Vespasiano di Giorgi, in memoriam

É provável que Drummond tenha estudado num dos conhecidos livros escolares utilizados como material didático na época de sua infância, cujo título costumava ser, justamente, *Lições de coisas*. Vinham divididos em capítulos no geral curtos, nos quais se expunham diferentes temas, com figuras e exemplos, uma vez que tal método de ensino demandava a observação concreta do mundo como primeira forma de aprendizagem. Vale assinalar que este volume do poeta é igualmente repartido em seções, e que a primeira, chamada “Origem”, abre-se com “A palavra e a terra” — em consonância com vários desses manuais, que habitualmente iniciavam a sequência de títulos com itens como “A terra”, “A terra e os astros”...¹

Na primeira edição, de 1962, encontram-se 33 poemas distribuídos em nove seções. São elas: “Origem”, “Memória”, “Ato”, “Lavra”, “Companhia”, “Cidade”, “Ser”, “Mundo”, “Palavra”. Posteriormente, na edição de *José & outros* (1967), que engloba livros anteriores, foi adicionada uma seção final, com quatro poemas que integraram a *Antologia poética* organizada pelo próprio Drummond, lançada no mesmo ano de *Lição de coisas*. Estes, ainda que acrescentados ao livro mais tarde, estão perfeitamente sintonizados com o conjunto, como se verá.

Se, a princípio, pode-se julgar ampla a variedade de assuntos, uma vez que as seções abarcam vastos espaços da experiência, verificamos como traço bastante espreado pelo livro um tom investigativo. O veio de pesquisa foi logo considerado predominante, a começar pela radicalização dos ensaios formais, quando o poeta não se furta ao prazer da invenção ou do desmembramento de vocábulos, obtendo por vezes sonoridade aparentemente lúdica, com intensa variação rítmica, ousadia na diagramação, enumeração livre, montagem, e até a frequência, há algum tempo tornada habitual em sua obra, de formas fixas tradicionais. Quanto à matéria, deparamo-nos com verdadeira enciclopédia, abrangendo o amor, a infância, a saudade dos amigos e das coisas findas... Mas, como adiantamos, uma porção apreciável de seu teor encaminha-se para uma indagação audaciosa sobre a possibilidade de apanhar o outro, o real, por meio desse instrumento proteico que é a forma poética.

Não se configura como mera coincidência, cremos, o fato de sua famosa *Antologia poética* ter sido publicada no mesmo ano, dividida em nove tópicos selecionados por Drummond. Tal vontade de organização foi entendida como um reconhecimento de repertório, que antes se manifestara mais explicitamente apenas em *Claro enigma* (1951): modo de revisar e ordenar as múltiplas direções de sua obra na maturidade. Porém, se o livro propicia um “balanço de sua vida e de sua poesia”, como formulou Alcides Villaça,² não por isso o poeta se jacta de ter trazido chave azeitada nem a máquina do mundo a ele se entreabre em calma pura.

Em nota introdutória, redigida pelo autor em discreta terceira pessoa, Drummond alude à aproximação que se poderia estabelecer entre o pendor experimental do livro e as vanguardas então em voga, pois “prática”, por vezes, “a violação e a desintegração da palavra”, para logo atenuar tal vizinhança com a declaração de que se tratava, em seu caso, de uma necessidade interna. Haroldo de Campos, em resenha elogiosa divulgada à época do lançamento, relativiza a suposição de influência dos jovens concretos sobre o poeta maduro atribuindo as possíveis similaridades a um complexo de “confluências e pontos de encontro”, louvando-o porque “soube enfrentar e replicar [a sociedade contemporânea] em termos de alta e personalíssima criação”.³ Contudo, alguns poemas foram escritos logo depois da Exposição Nacional de Arte Concreta de 1957, no Rio de Janeiro, seguindo-se imediatamente aos provocadores artigos de Mário Faustino no *Jornal do Brasil*. Olhando à distância, deduzimos que questionamentos comuns se estabeleciam então, propiciados, em parte, pelo espírito do tempo: qual a relação entre palavra e coisa? O que pode exprimir o poema? As perguntas, em Drummond, caminham entranhadas na fatura compositiva, num processo de absorção prismatizado, por vezes irônico, do que para outros poderia soar ora como “flamante novidade” ora como “sopro de Camões” (conforme explica no “Poema-orelha” de *A vida passada a limpo*, de 1959, seu livro imediatamente anterior) — recusando ambos os enquadramentos. Uma parcela considerável dos poemas se dirige muito mais à escavação arqueológica de si mesmo e do mundo ao seu redor do que a qualquer propósito vanguardista explícito.

Já os primeiros versos provocam estranheza: “A palavra e a terra”, único poema da seção de abertura, estreia com o vocábulo raro “Aurinaciano”, sozinho na linha do verso, repetido três vezes de entremeio às curtas estrofes, e logo abaixo, fechando a primeira parte, distingue-se o neologismo “Auritabirano”, inspirando, de um lado, a relação com o período do paleolítico superior denominado Aurignaciano⁴ e, de outro, o padrão-ouro da terra natal: tudo sugere uma impressionante pré-história, cavada em grutas e lavras, quando o sujeito retoma sua raiz arcaica, em perquirição do lastro do passado. Como em outros poemas escritos sob o signo da rememoração, “em Itabira”... o “mundo não se assemelha nem à natureza nem à cultura, mas a uma terceira coisa entre os dois”, como uma entidade geológica monstruosa.⁵

Após, segue-se um procedimento usado algumas vezes no livro, a enumeração, que, nesse caso, consiste numa sequência rítmica de espécimes da flora nativa brasileira, encarreirados como num caderno de notas que bem poderia ser de Guimarães Rosa (outra referência de pesquisador da palavra, contemporâneo a essa busca de Drummond) — para concluir com versos oraculares:

*Tudo é teu, que enuncias. Toda forma
nasce uma segunda vez e torna
infinitamente a nascer. [...]*

O poeta, assim, intenta apossar-se dessa fazenda do ar desde os seus primórdios. O que se poderia tomar por simples catálogo de dicionário parece antes sintetizar a rememoração profunda de uma cultura, um lugar, um longo período. Logo adiante, irrompe outra obsessão desdobrada do princípio ao fim do livro — a pergunta sobre a relação entre expressão do sujeito, palavras e coisas: “O nome é bem mais do que nome: o além-da-coisa,/ coisa livre de coisa, circulando”.

Como se a *lição* correspondesse sobretudo à tentativa de apreensão da matriz da existência, para desatar as palavras de seu encadeamento opressivo com o peso do passado, descoladas da obrigação de referir-se tão somente ao que antes designavam. O desejo de deslocamento dos significados evidencia-se na extravagância de perguntas como “Onde é

Brasil?/ Que verdura é amor?” — como se o poeta conseguisse alcançar “o ponto fora do tempo e da vida”, onde tudo se dissolve, sobrevoando “a terra, palavra espacial, tatuada de sonhos”. Quem sabe, “apenas resta/ um sistema de sons que vai guiando [...] a musical figuração das coisas”.

Tanto neste poema de abertura quanto em alguns outros do livro revela-se um anseio de leveza, que se anunciava, sutil, desde a apresentação escrita pelo autor (ver apêndice), quando dissera que “sem motivos para esperança, usa entretanto essa extraordinária palavra, talvez para que ela não seja de todo abolida de um texto de nossa época”. Com efeito, refluxos dos augúrios de renovação vivenciados seja pelo país seja pelo próprio poeta naquele período podem ter penetrado na ligeira sensação de confiança que experimentamos em mais de um verso:

*O que se libertou da história,
ei-lo que se estira ao sol, feliz.
Já não lhe pesam os heróis
e, cavalhada morta, as ações.*

*Agora divisou a traça
preliminar a todo gesto.
Abre a primeiríssima porta,
era tudo um problema certo.*

Não deixa de ser surpreendente que o sentimento de alívio advenha da descoberta que a traça, inseto corrosivo, antecede a tudo, consumindo os traços da origem, de forma a permitir que a existência presente se desembarace de uma suposta essência determinadora. Na análise interpretativa cuidadosa que John Gledson enceta deste poema, o crítico observa a rejeição de Drummond de “qualquer ideia de uma estrutura definível ou compreensível, embora não negue a sua possível existência, além de nossa capacidade de abrangê-la”.⁶

A seguir, na seção “Memória”, as palavras pretendem trazer as lembranças para perto do sujeito: “miragens tão próximas/ pronunciar os nomes/ era tocá-las” (“Terras”). A fazenda da infância e suas personagens são retratadas como um tempo anterior ao histórico, em que homens e animais convivem em estado de natureza. Alguns,

desenhados como singularidades aberrantes, assemelham-se ao mítico e mesmo ao violento caricatural, talvez como o menino os percebesse (e temesse). Chantal Castelli ressalta que, cotejando-se estes aos poemas memorialistas de sua obra posterior, especialmente nos três volumes reunidos em *Boitempo*, também aqui os poemas têm caráter anedótico e pintam cenas do passado, quando momentos evocados são capturados em estilo que pende para o prosaico. Mais de um crítico reconheceu, nesses poemas, uma recuperação algo alterada do tom modernista — entre o descritivo e o galhofeiro (mais uma pitada de grotesco) — de *Alguma poesia* (1930).⁷

“Vermelho”, sinistro poema que alude ao na época rotineiro costume de matar galinhas para o jantar, antecipa um dos motivos centrais do livro: a “morte cozinheira”... O quadro expressionista da mancha de sangue no ladrilho do chão, nas penas da ave, na xícara, insinua o destino que comungam inexoravelmente todos os participantes da refeição, porque no final quem prepara os alimentos será, em breve, identicamente devorado — assim como o foram todos os figurantes do passado.

“Ato”, a terceira seção, cujo nome remete ao seu aspecto dramático, intensifica ainda mais esse mundo mineiro perdido, no mesmo passo em que matiza os enredos com olhar reflexivo, para o qual a fábula é tão somente um primeiro acicate detonador. O extenso poema “O padre, a moça”, aparentado às novelas cordelescas pela fábula e pela paisagem, relata o embate entre as esferas divina e humana, narrando os amores dos dois fugitivos. Também eles se deixam absorver pelo universo arquetípico do fundo das minas:

*Ao relento, no sílex da noite
os corpos entrançados transfundidos
sorvem o mesmo sono de raízes*

e findam celebrando mistérios gloriosos, quando padre e moça são redimidos pelo fogo no interior de uma caverna: “Que sensação de vida triunfante/ no empalidecer de humano sopro contingente?”. A alquimia ocorrida pela transfiguração do amor em substância elevada restaura o *leitmotiv* da gruta e da pedra — imagens do ventre da terra, “segredo

egípcio” a ser penetrado na procura de revelação dos arcanos da vida. Nem anjos nem demônios vencem afinal — apenas o amor humano acima de todos os poderes sobreleva seus perseguidores.

Realiza-se, nesse poema e em muitos outros, “*a volta do estilo mesclado*”, referido em Merquior como característico de parte da poesia de Drummond,⁸ tal como fora apreendido por Auerbach como apanágio da lírica moderna a partir de Baudelaire, no qual o sublime se encarna no prosaico, para tratar, de forma séria, de tema problemático.

Os poemas seguintes, pelo contrário, terminam de modo cético, quando a procura se dissolve em indiferença: o pecador e o santo enterrados juntos, sem distinção; o filho pródigo que volta à casa que já não há, visto que “o próprio pai é morto desde Adão” (“Remate”), num anticlímax no qual o modelo lendário se esboroa em estrume, vazio e securo.

O nome “Lavra” não anunciaria, imediatamente, o motivo central da quarta seção, que se debruça sobre o enigma irresolúvel do amor. Se o termo se associa à mineração e à agricultura, invoca por isso a ideia de perfuração: o *princípio-corrosão*, para lembrar a fórmula pensada por Luiz Costa Lima para defini-lo, no duplo movimento, por vezes concomitante, de opacidade e escavação, quando por vezes, “a trituração das coisas e dos objetos leva a revelar o fundo indevassável, a tampa que dá para um abismo sem fundo”.⁹ Há uma progressão inclusive no desmembramento formal dos poemas: começa-se pelo soneto clássico “Destruição”, em que os amantes inimigos, depois de pulverizados pelo Amor, “Deixaram de existir, mas o existido/ continua a doer eternamente” (aqui, ao contrário do padre e da moça, estes amantes se consomem sem qualquer redenção). Passa-se então ao magnífico “Mineração do outro”, no qual “a aliança do amor com o desejo de conhecimento” conduz a uma “teia de problemas”, conforme a leitura perscrutadora de Davi Arrigucci Jr., a qual seguiremos.¹⁰

Desde o primeiro verso se anuncia o obstáculo para aceder ao outro: “Os cabelos ocultam a verdade”. E, da mesma forma que não se consegue decifrar o ser amado, tampouco se toca o cerne da linguagem:

*O corpo em si, mistério: o nu, cortina
de outro corpo, jamais apreendido,*

*assim como a palavra esconde outra
voz, prima e vera, ausente de sentido.*

Arrigucci compara as dificuldades da travessia em direção ao outro à descida aos inferos, uma vez que o poema assim o indica, ao evocar o trabalho da lavra. Como em tantas outras investigações do poeta, porém, esta acaba em impasse, pois “denuncia o caráter problemático do ato de interpretar”, impotente quando se trata de captar o ouro do ser amado, na “noite cega”.¹¹ O último verso, que sugere uma surpreendente máxima de coloração barroca — “arder a salamandra em chama fria”¹² — poderia ser deslindado de duas maneiras: tanto significaria, em hipálage conceptista, que a salamandra, fria ela mesma, arde infinitamente no fogo sem se queimar (tal como o amor que não se deixa incinerar e destruir, continuando incessante na sua perseguição), quanto, seguindo-se a sintaxe imediata, entende-se a “chama fria” como oxímoro — paradoxo de um sentimento o qual, por intenso, é irmão do impulso de especulação — ambas as possibilidades a descrever o próprio Amor em sua natureza contraditória e simultânea entre o ardor de Eros e a frieza analítica do Logos.

O último poema da sequência, “Amar-amaro”, dos mais pungentes de Drummond nesta seara, realça com recursos expressivos “verbivocovisuais” a pergunta veemente do primeiro verso — “Por que amou por que a!mou” — para conduzi-la a um apogeu de dilaceramento, quando compreende que nem vida, morte ou amor consola “nunca de núncaras”, uma vez que “toda vida/ é indagação do achado e aguda espostejação/ da carne do conhecimento”.¹³

Assim, o livro vai chegando ao meio, apresentando, a cada novo lance, um remoer infatigavelmente ruminado: o mistério da poesia e do amor, a dificuldade de conceber o existir passageiro — em investida arrebatada ou melancólica. Embora ciente dos imensos entraves, o poeta decide por isso mesmo manter-se firme na perquirição.

Nos belos poemas da quinta seção, intitulada “Companhia”, o autor saúda velhos amigos, tecendo loas a seus fiéis objetos de admiração. Dentre eles, destacamos uma reiterada homenagem a Mário de Andrade, fantasma a assombrá-lo, agora aliviado das peias biográficas, “respirando/ a fina luz do dia universal”, ao lado de uma ode a seu

homônimo Carlito (apelido de infância do próprio Drummond), a quem se refere como “um errante poeta desengonçado,/ a todos resumindo em seu despojamento”... A velhice comum dos dois não o impede de conclamar, alvissareiro: “a vida está apenas alvorecendo/ e as crianças do mundo te saúdam”.

Pressentimos a mão que acredita nos poderes de “encantação” da arte no poema para Portinari, como se suas obras pudessem, em determinados momentos, transfigurar a feiura da vida real: “Agora há uma verdade sem angústia/ mesmo no estar-angustiado./ O que era dor é flor, conhecimento/ plástico do mundo”.

Se a reminiscência do passado imperou até então, a partir desse momento do livro outra vertente avulta. O presente cresce de estatura, a cumprir o que o poeta anunciara na nota introdutória: “O mundo de sempre, com problemas de hoje, está inevitavelmente projetado nestas páginas. O autor participante de *A rosa do povo*, a quem os acontecimentos acabaram entediando, sente-se de novo ofendido por eles [...]”.

Tanto em “Cidade” quanto em “Mundo” (respectivamente, sexta e oitava seções), o entorno imediato do poeta comparece em versos ora sobre pequenos incidentes diários que se transformam em meditação, ora sobre sua repulsa ao consumo desenfreado, e, por fim, em litania paródica acerca do maior terror daquela época de guerra fria: a bomba atômica.¹⁴ Entremeada à rejeição dos males presentes, destaca-se “Canto do Rio em sol”, no qual a música da alegria aflora, como se o sujeito agora se permitisse o contraste entre a luz solar carioca e o subterrâneo das minas — na mesma página até.

Os poemas integrantes da seção “Mundo” mesclam ao tom crítico algum humor, assim como à negatividade mais contundente, resíduos de intenções otimistas. O título do primeiro, “Vi nascer um deus”, repetido como bordão ao longo dos versos,¹⁵ parece afirmar a possibilidade utópica, quando a criança vem redimir a vida conspurcada, o Natal profanado pelo capitalismo. Esta palavra difícil — utopia — é o eixo central da complexa leitura de Castelli do segundo poema, “A bomba”, no qual ela divisa a esperança que brota, hesitante embora, na ruína e na destruição, pela “crítica do presente que se projeta em um futuro efetivamente diverso”, inclusive através da própria sintaxe

do poema, que em si mesma aparenta duvidar da eficácia das construções tecnológicas modernas.¹⁶

Todavia, não se pode dizer o mesmo da sétima parte, cujo nome majestoso, “Ser”, expõe a dura contradição entre a existência humana e a inexorabilidade da passagem para a morte: “roazmente/ a vida, sem contraste, me destrói” (“Janela”). O “carrasco de si mesmo”, que se instala gradualmente dentro do indivíduo, até destruí-lo, ocupa a cada dia um pouco mais de espaço. Olhando no espelho ou pela janela, o poeta o espreita — inimigo “malsim” que o invade e vai desgastando, enquanto o ciclo da natureza se regenera lá fora. A recorrência da regra do mundo, no qual se é devorado pelo que se come (“O bolo”), nos primeiros poemas da seção pende para o niilismo, por imutável na sua indiferença. Até um marciano é convocado para apaziguar a inquietude do poeta, em “Science fiction”. No entanto, ele foge sem querer conversa com este ser impossível:

*Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.*

E fiquei só em mim, de mim ausente.

Entretanto, nos dois últimos poemas da seção, Drummond torna-se subitamente tocante na sua ternura, quando recorda uma figura muito amada. O soneto “Carta”, endereçado à mãe, e as redondilhas rimadas de “Para sempre”, um e outro se carpem da saudade imensa de um singelo ser de carinho, e de um anelo de voltar a sentir-se novamente o menino querido, que agora se confessa velho, perto da noite sem sonhos do final da existência. Quebrando com a constante atitude em guarda, a revolver a existência em dúvida contínua, estes são versos de um lirismo de altíssimo quilate.

“Palavra”, originalmente a seção que encerrava o livro, constitui-se de apenas dois poemas. À primeira vista, “Isso é aquilo” extrema o procedimento da enumeração empregado em versos anteriores do livro — mas, desta vez, verdadeiramente caótica. A sonoridade paronomástica é o único fio condutor de associação das palavras, quando toda certeza se dissolve numa constante procura do que é por

natureza inatingível, por absolutamente instável. Há certa graça cômica em alguns diálogos sonoros, quando se ecoam coisas díspares (como “o maiô o avô”, “a tâmara a Câmara”, “o cimento o ciumento”, “a girafa a jitanjáfora”, “o arroz o horror”), dado o absurdo nonsense, a rematar-se no mallarmaico “ptyx”, palavra final do poema.¹⁷ Entramos, então, no segundo, cujo título é composto de apenas uma letra, “F”, o qual duvida do significado da forma, que não poderia jamais possuir consistência definitiva. Termina, porém, com espírito distendido, aceitando essa característica da arte de bom grado e com aparente tranquilidade. Os poemas dessa seção marcam uma atitude entre relativista e animosa, que já despontava no início do livro. Ao que se afigura, a obra poética nunca poderia travar correspondência perfeita com o mundo, uma vez que os ajustes entre forma e significado escorregam sem se encaixar, de modo a não se abraçarem plenamente. Mas tal disparidade da linguagem pode representar um alargamento até feliz de horizontes.

Assim, ao encerrar a demanda por sentido propondo-se o ilimitado como meta, é como se o final anunciasse uma provável continuação... que realmente ocorreu, com a inclusão dos “4 poemas”, um anexo que bem poderia servir de resposta a algumas restrições lançadas por leitores de diferentes perspectivas: uns puseram reparo em suposto conservadorismo aliado a absenteísmo político de Drummond, à volta de *Claro enigma*, quando o tom metafísico se escorava em formas clássicas aliadas à paisagem mineira (principalmente interna); outros opuseram-se ao ar pedestre, aos arranjos anticonvencionais, à matéria chã de seus poemas mais “modernistas”. Sem ostentar fumos teóricos, o poeta se permite, em “A música barata”, compor seus versos com “o que veio da rua, sem mensagem,/ e, como nos perdemos,/ se perdeu” — mas não faz do interesse pelo cotidiano urbano nem pela constatação da fugacidade no mundo contemporâneo, alarde de manifesto (“sem entretanto aderir a qualquer receita poética vigente”, justificava-se, na apresentação ao livro). Se conclui que a vida (e a poesia) é composta de cacos colados sem utilidade (em “Cerâmica”), infere, em “Descoberta”, que a relação entre sujeito e objeto, lírica e sociedade, experiência e arte, pode resultar em destruição mútua, quando os pares de termos, fundidos, atingem “a polpa deliciosíssima do nada”. Termina por retornar aos seus pertinazes questionamentos sobre a existência de uma

chave certa para a porta secreta. Em “Intimação”, poema-síntese, ordena: “Abre em nome da lei”, para logo duvidar: “Em nome de que lei?”, e afinal: “Não, não abras; à força/ de intimar-te, repara:/ eu já te desventrei”. Ataca a falta de lei e de rei com a bravata de um ultimato.

O sujeito poético, decidido a inquirir a própria gênese, ir ao sumo de si, então desvelaria, no princípio, esse nada que é tudo? Haveria uma tendência à resignação de madureza, como reação, a qual, antes mesmo de qualquer enfrentamento, advertiria o poeta sobre a relativa inutilidade da tentativa?¹⁸

Ou será que Drummond confronta, igualmente, em sua *Lição*, as experiências pelas quais passara, com um âmbito vital cada vez mais livre de constrições, a ponto de desvanecer suas balizas seja em relação a si mesmo, indivíduo amarrado a uma existência herdada de gerações, seja às palavras, ambos intermediários na via para a descoberta do que é “ponto fora do tempo e da vida”, “nessa que antes de ser/ já/ deixou de ser não será/ mas é”?¹⁹

Nesse caso, convivem pelo menos dois pesos nos pratos da balança. Ao lado do mais ingaio e terrível ceticismo, o poeta pondera “O pó das coisas”, que “ainda é um nascer em que bailam mésons”, peneirado ao fim e ao cabo do garimpo da existência, na bateia d’“A palavra e a terra”:

*[...] a palavra, um ser
esquecido de quem o criou; flutua,
reparte-se em signos — Pedro, Minas Gerais, beneditino —
para incluir-se no semblante do mundo.*

Assim, a experiência íntima e longeva com palavras e coisas renova no poema seu casamento, cada vez mais aberto ao universal, complexo e movente, uma vez que ambas estão sempre a desabrochar, gerando insuspeitadas configurações, no

*[...] largo armazém do factível
onde a realidade é maior do que a realidade.*

1 Tivemos ocasião de folhear, na Biblioteca da Faculdade de Educação da USP, alguns livros didáticos que poderiam ter sido inspiração para o título de Drummond: *Lições de coisas* (ou *cousas*) é o subtítulo comum a todos eles, desde o final do século XIX até por volta dos anos

1930, baseados geralmente na tradução adaptada feita por Rui Barbosa para o livro do norte-americano A. N. Calkins, *Primeiras lições de coisas*, dirigido aos pais e professores, e publicado no Brasil desde 1886. Derivados da pedagogia da Pestalozzi (dentre outros) e seu método intuitivo, aspiravam ao aprendizado primeiramente através dos sentidos, anteriores à representação pela palavra. As *Obras completas* de Rui Barbosa foram republicadas em 1950, através do Ministério de Educação e Saúde, pelo ministro Gustavo Capanema. Como Drummond trabalhava lá naquele período, talvez tenha lembrado algum velho manual escolar ao ver essa reedição. (Agradecemos à professora Diana Vidal, da FEUSP, especialista em história da educação brasileira, pelas indicações.)

2 *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 112.

3 *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1967, pp. 39-40.

4 Drummond inventa uma corruptela do termo, que no dicionário varia entre Aurignaciano e Aurinhaciano, derivado das cavernas de Aurignac no sul da França, famosas por seus remanescentes pré-históricos. Designa uma era caracterizada pelos primórdios da arte rupestre, desenvolvimento da agricultura, domesticação dos animais e enterro ritual, correspondendo ao momento em que os homens convertem-se à vida sedentária. Coincide com o tempo em que se registrou a presença humana em Lagoa Santa, MG, na Lapa Vermelha, onde se encontram resquícios arqueológicos dos mais antigos do Brasil. (Informações extraídas de verbetes de diversas enciclopédias. Na *Britânica*, vê-se a reprodução de uma pintura em caverna com um touro, como referido no poema.)

5 *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Página Aberta, 1993, p. 31.

6 *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981, p. 269.

7 *Sobre toda ruína*. São Paulo: DTLIC-FFLCH, USP, 2010. (Tese de Doutorado.)

8 *Verso universo de Drummond*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 200.

9 *Lira e antilira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 162.

10 *Coração partido*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 112.

11 Op. cit., p. 121.

12 Segundo o *Dictionnaire des symboles* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2ª ed., Paris: Seghers, 1974), os antigos supunham que este gênero dos lagartos era capaz de viver no fogo sem ser consumido. Para os egípcios, a representação da salamandra era o hieróglifo que representava um homem morto de frio (ver verbete “Salamandre”).

13 Mirella Vieira Lima, ao analisar detidamente “Amar-amaro”, examina a conjunção pouco usual entre as inovações formais do poema (neologismos, diagramação variada, utilização expressiva dos espaços da página, das letras maiúsculas etc.) e o seu teor agônico, ultrarromântico — a acentuar a tensão entre o mundo moderno tecnológico e o sentimento amoroso inadequado, irracional. A interpelação sobre o amor vai subindo de intensidade até chegar a um apogeu de desespero frente ao malogro de explicação, ao mesmo tempo que a linguagem fraturada, estranha (inclusive com latinismos e dicção anacrônica) ressoa sua inescrutabilidade (ver *Confidência mineira*. O amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo e Campinas: Edusp e Pontes, 1995, pp. 149-58).

14 “Ao humanismo choramingas e superficial da maior parte dos poemas pacifistas, Drummond prefere a eficácia antissentimental da visão grotesca ou satírica”, afirma Merquior (op. cit., p. 216) sobre esses poemas. Poderíamos estender tal proposição aos versos acerca da paulatina destruição do sujeito em direção à morte da seção “Ser”, que, embora trágicos quanto ao tema, tendem a apresentar tom de autorrepulsa, securo, ironia.

15 O recurso às diversas formas de repetição foi objeto de exame analítico de intérpretes importantes da obra de Drummond, destacando-se os estudos de Antônio Houaiss, Emanuel de

Moraes, Gilberto Mendonça Teles (especialmente), Hécio Martins e Antonio Candido.

16 Op. cit., pp. 100 ss.

17 Recomenda-se a leitura arguta de Marlene de Castro Correia, *Drummond, a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, especialmente pp. 142 ss.

18 Segundo Luiz Costa Lima (op. cit.), na obra tardia de Drummond, por vezes a corrosão “deixa de ser princípio operativo para ser ponto de partida, que o poema pressupõe. Ela passa a estar dada. [...] O que a composição não mais apresenta, portanto, é o corrosivo como processo. Despojado seu desgaste, anula-se a presença do combate. [...] A corrosão confunde-se com seu resultado: vazio”. (pp. 196-7)

19 Antonio Candido enxerga neste livro e nos posteriores um grau de “objetividade que encara serenamente o eu como peça do mundo” e “vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte”. Acontece, de fato, em vários momentos, um olhar “de fora para dentro” (ver *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 56).

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.

Coração partido.

São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CAMPOS, Haroldo de.

Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária.

Petrópolis: Vozes, 1967.

CORREIA, Marlene de Castro

Drummond, a magia lúcida.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLEDSON, John.

Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Duas Cidades, 1981.

LIMA, Luiz Costa.

Lira e antilira (Mário, Drummond, Cabral).

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MERQUIOR, José Guilherme.

Verso universo em Drummond.

2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

VILLAÇA, Alcides.

Passos de Drummond.

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

O livro¹

Este novo livro de poemas — informa Carlos Drummond de Andrade — está dividido em nove partes: “Origem”, “Memória”, “Ato”, “Lavra”, “Companhia”, “Cidade”, “Ser”, “Mundo”, “Palavra”. Cada um desses substantivos busca indicar, sem artifício, a natureza daquilo que serviu de pretexto aos versos ou que, em última análise, os resume.

O poeta abandona quase completamente a forma fixa que cultivou durante certo período, voltando ao verso que tem apenas a medida e o impulso determinados pela coisa poética a exprimir. Prática, mais do que antes, a violação e a desintegração da palavra, sem entretanto aderir a qualquer receita poética vigente. A desordem implantada em suas composições é, em consciência, aspiração a uma ordem individual.

São contadas estórias vero-imaginárias, sem contudo o menor interesse do narrador pela fábula, que só o seduz por um possível significado extranoticial. Há também referência direta e comovida a figuras humanas: pintor do passado, poeta contemporâneo, cômico. Aparece uma cidade: o Rio de Janeiro, que circunstâncias históricas tornam pessoa.

Reminiscências de autor foram reduzidas ao mínimo de anotações — ensaio, possivelmente, de um tipo menos enxundioso de memórias: o objeto visto de relance, com o sujeito reduzido a espelho.

O mundo de sempre, com problemas de hoje, está inevitavelmente projetado nestas páginas. O autor participante de *A rosa do povo*, a quem os acontecimentos acabaram entediando, sente-se de novo ofendido por eles, e, sem motivos para esperança, usa entretanto essa extraordinária palavra, talvez para que ela não seja de todo abolida de um texto de nossa época.

Rio, março de 1962

1 Texto que constava na primeira edição, atribuído ao próprio Carlos Drummond de Andrade. (N.E.)

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

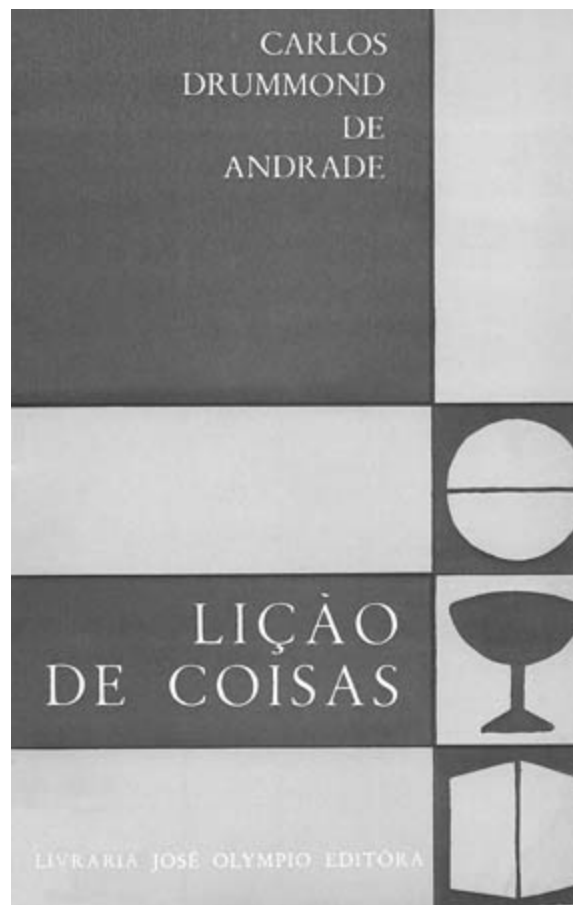
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d’Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.

- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitolada *Sentimento do mundo*.

- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.





Capa da primeira edição de *Lição de coisas* (1962). O layout original foi desenhado pelo próprio poeta.



Carlos e Dolores (1964).



Com o pintor Antônio Bandeira no enterro de Candido Portinari (6 de fevereiro de 1962).



Fome, de Knut Hamsun, romance sobre um intelectual esfaimado (1963).



Os poetas Haroldo de Campos, Decio Pignatari e Augusto de Campos, artífices do Concretismo.
Haroldo iria saudar o aparecimento de *Lição de coisas* no ensaio “Drummond, mestre de coisas”.



Cartaz do filme *O pai e a moça*, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, em 1965, inspirado em poema de *Lição de coisas*.



Prédio do Congresso Nacional, em Brasília, pelas lentes de Marcel Gautherot (1964). *Lições de coisas* apareceu em meio ao clima de eufórica renovação propiciado pela inauguração da nova capital.

Créditos das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Retrato de Carlos Drummond de Andrade.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/
Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

1.
Acervo Jurandir Ferreira/ Instituto Moreira Salles.

2.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo
Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond
de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

3.
DR/ Antonio Bandeira. Acervo da Fundação
Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura
Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

4.
Geraldo Guimarães/ Editora Abril.

5.
DR/ Filmes do Serro/ Cinemateca Brasileira.

6.
Marcel Gautherot/ Instituto Moreira Salles.

Índice de primeiros versos

A bomba
Abre em nome da lei
Alferes de milícias Manuel da Costa Ataíde
Aurinaciano
Em novembro chegaram os signos
Entre o cafezal e o sonho
Eram mil a atacar
forma
Guanabara, seio, braço
Há cinquenta anos passados
Há muito tempo, sim, que não te escrevo
Hildebrando insaciável comedor de galinha
José Catumbi
Na ambígua intimidade
Na mesa interminável comíamos o bolo
No escuro
No marfim de tua ausência
O dente morde a fruta envenenada
O fácil o fóssil
O frango degolado
O inimigo maduro a cada manhã se vai formando
O marciano encontrou-me na rua
O padre furtou a moça, fugiu
Os amantes se amam cruelmente
Os cabelos ocultam a verdade
Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara
Os garotos da Rua Noel Rosa
Paloma, Violetera, Feuilles Mortes
Por que amou por que a!mou
Por que Deus permite
Sem nariz e fazia milagres
Serro Verde Serro Azul
Tarde dominga tarde
Um verso, para te salvar
Vejo o Retiro: suspiro
Velho Chaplin
Volta o filho pródigo

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Em vermelho*, de Milton Dacosta,
1960, óleo sobre tela, 33 x 41 cm. Coleção: Banco Central.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

REVISÃO

Huendel Viana

Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-8086-434-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br